

# O Programa “Siminina” e suas Interfaces Educativas: a Cultura do Brincar em um Espaço de Ensino Não Formal

## The “Siminina” Programa and its Educational Interfaces: the Culture of Playing in a non Formal Teaching Space

Dilson Cesar Leal Ribeiro<sup>\*a</sup>; Rosemar Eurico Coenga<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade de Cuiabá, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino. MT, Brasil.

\*E-mail: [dilsonlealribeiro@hotmail.com](mailto:dilsonlealribeiro@hotmail.com)

---

### Resumo

Olhar e escutar os fenômenos culturais expressos na forma de jogos, recreação e brincadeiras no espaço/tempo do programa social “Siminina”, de uma unidade do município de Cuiabá, atendendo meninas entre 6 a 14 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, sendo este um dos grandes desafios da sociedade contemporânea; e com elas promovendo atividades que contemplem o desenvolvimento humano. Tem como objetivo, identificar e analisar os sentidos e significados que estas meninas do programa dão ao brincar. Como objetivos específicos: identificar e analisar como, quando, quais, onde e em que outras condições elas brincam; observar como os jogos/brincadeiras e atividades recreativas são desenvolvidas nesse espaço de ensino não formal. A opção metodológica é a pesquisa qualitativa, estudo de caso etnográfico, tendo como instrumentos: a coleta de dados, a observação direta, e entrevistas semiestruturadas com as meninas assistidas, e, profissionais que atuam no programa. Expondo questões e contextos acerca de entendimentos sobre questão de gênero, etnia, classe social, por se tratar de um levantamento do cotidiano de adolescentes que enfrentam riscos a sua formação, programa este que tem uma proposta de impacto social e de inclusão, trazendo as distintas realidades das meninas mencionadas, e as mudanças ocorridas nos seus cotidianos e as transformações e experiências vividas ao longo da estada nas atividades desenvolvidas, e que integrações estas trazem no seu bojo.

**Palavras-chave:** Criança/Adolescência. Vulnerabilidade Social. Espaço não Formal. Brincar.

### Abstract

*Look and listen to cultural phenomena expressed in the form of games, recreation and play in the space / time of the “Siminina” social program, of a specific one in the city of Cuiabá, serving girls between 6 and 14 years of age, in a situation of social vulnerability, this being one of the great challenges of contemporary society; and with them promoting activities that contemplate human development. It aims to identify and analyze the senses and meanings that these girls in the program give when playing. As specific objectives: to identify and analyze how, when, which, where and in what other conditions they play; observe how games / games and recreational activities are developed in this non-formal teaching space. The methodological option is qualitative research, an ethnographic case study, with the following instruments: data collection, direct observation, and semi-structured interviews with the assisted girls, and professionals working in the program. Exposing issues and contexts about understandings about gender, ethnicity, social class, as it is a survey of the daily lives of adolescents who face risks in their education, a program that has a proposal for social impact and inclusion, bringing the different realities of the girls mentioned, and the changes that occurred in their daily lives and the transformations and experiences lived during the stay in the activities developed, and what integrations these bring in their core.*

**Keywords:** Child/Adolescence. Social Vulnerability. Non-Formal Space. Playing.

---

### 1 Introdução

Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento e que discute a problemática de meninas com idades entre 6 e 14 anos, que participam de um programa social denominado “Siminina”. A expressão “Siminina” refere-se a um termo típico do linguajar cuiabano e significa “essa menina”. São apontadas algumas questões referentes os efeitos/sentidos do brincar no espaço de ensino não formal em Cuiabá/MT. O nosso trabalho limitou-se a uma unidade do programa no bairro Tijucal.

Foi utilizado o método estudo de caso de base etnográfica para descortinar as posturas encontradas e os sentidos vivenciados pelas meninas no espaço no qual elas se movem. No

referencial teórico destacam-se os autores Abramovay, Nunes, Gohn e outros. Foram realizados entrevistas semiestruturadas, observação participante e outros instrumentos. Assim, nosso estudo, justifica-se por trazer não somente uma contribuição teórica, mas também uma contribuição social, ao dar destaque ao um programa social e seu alcance educativo.

Considerar algo ou alguém com atenção, e, por conseguinte, perceber e apontar a presença do brincar na infância e por seguinte na adolescência, em distintos conjuntos de circunstâncias de situações existentes, o repertório de brincadeiras, seus usos e costumes, tendo em conta o momento que isto sobrevém e essa manifestação é notada, como componente da expressão corporal de uma determinada sociedade ou grupo, mediante suas disponibilidades e espaços

para que isto seja possível.

A ampliação dos recursos e habilidades significativas e marcantes nesta fase da vida, no que concerne ao intelecto-cognitivo, acuidade e atenção, proximidades referentes à personalidade e seus reconhecimentos, face os dimensionamentos sociais que se formam, tais como preceitos, crenças, ética e moral, vão delineando e firmando na alma das práticas culturais de um povo.

Para Rodrigues e Cardon (2018, p.3) é no brincar que a criança tem a oportunidade de desenvolvimento e conexão com o mundo e especialmente a infância. Pois, essa atividade promove uma compreensão mais próxima do entendimento da criança destacando a importância da própria autonomia. O brincar também proporciona a criança um processo de aprendizagem da linguagem e das habilidades motoras.

A criança, enquanto membro social, tem um modo característico de se envolver e portar-se aos diferentes âmbitos, o que as torna mais ou menos frágeis. Em regra, a menção às vulnerabilidades não costuma incluir o certame a respeito do temperamento e da conduta destes indivíduos em questão. Aparentemente encontram-se quase sempre em desvantagem no relacionamento com os adultos.

Esta caracterização social que a/o criança/adolescente tem, e o que pleiteia para si: espaços, tempos, concepções, aceitação e entendimento para ela/ela, também, sua disposição na família e/ou numa comunidade. E, aqui especificamente, no que se refere às vulnerabilidades sociais, aplica-se o entendimento de Marchi (2019), ao dizer que a criança não é somente um produto das estruturas sociais, levando em consideração as opressões e exclusões que se seguem, mas sim, considerar este indivíduo no momento em que ele pode adquirir mais ou menos autonomia.

Sendo assim, crianças e adolescentes apresentam por um lado serem vulneráveis pela situação social que simboliza uma intimidação ao seu plano (a problemática da exclusão social), e por outro, existem também os conflitos advindos do trato coletivo que cominam o seu bem-estar. Ou seja, eles não sofrem tão somente da falta de acessibilidade às instituições e serviços, todavia, pela qualidade da interação com as demais pessoas.

Crianças e adolescentes que se emoldem em situações de vulnerabilidade social necessitam de um mínimo de recurso material para sobrevivência: educação, cultura, saúde, lazer; percebe-se a falta de laços afetivos familiares e outros espaços sociais de formação humana, como resultado, padecem das desarmonias existentes na sociedade, vivendo na maioria das vezes à margem desta.

No entendimento de Abramovay (2002), não é tão simples definir o termo violência. Uma vez que este aborda muitas disposições, rotinas e vezos, propostos nos variados modos de comportamento social, incluindo-se também os presentes nas práticas educativas, com isto, mais adequado ao local e ao momento histórico; uma vez que não existe apenas uma

percepção sobre o tema, e sim, uma multiplicidade de atos, e por extensão a vulnerabilidade.

Estas condutas envolvem diretamente a interação entre pelo menos dois membros do mesmo segmento estabelecendo trocas entre si e consequentemente as expectativas que isto possa gerar, aqui apontando os espaços físicos e humanos como elementos motivadores ou inibidores para disposições de desenvolvimento, face aos diferentes juízos postos e encontrados na sociedade, e assim, promovendo discussões acerca desta presente temática que se mostra como um dos grandes desafios da contemporaneidade.

Ao abordar a proposição, Vignoli (2001), aponta que esta é entendida como a falta de acesso às estruturas de oportunidade oferecidas pelo mercado, estado ou sociedade apontando a carência de um conjunto de atributos necessários para o aproveitamento efetivo da estrutura de oportunidades existentes. Observando situações de igualdade para os autores num cenário socioeconômico de experiências de múltiplas disposições em relação ao exposto.

Conforme observa Bruseke (2006), em relação ao vocábulo, é a conjunção de fatores, sobrepostos de diversas maneiras e em várias dimensões, de modo a tornar o indivíduo ou grupo mais suscetível aos riscos e contingências. Evidenciando assim, a questão do pertencimento ou não a um determinado ajuntamento ou comunidade, ou ainda, apontara inserção ou exclusão de uma ou outra classe social.

Ainda sobre o referido, Cançado, Cardoso e Souza (2014) afirmam que o termo nas últimas décadas, tem sido empregado em diversos campos do saber, apresentando uma série de vantagens, porém, trazendo em si algumas limitações analíticas. Tornando-se necessário um melhor desdobramento conceitual no intuito de embasar estudos que se dediquem, direta ou indiretamente, acerca do que é a vulnerabilidade.

Tendo isto presente, cabe então reportar a respeito do que se intenta ao brincar, e assim prosseguir com a discussão acerca da temática proposta, acrescentando aqui de que maneiras e meios ocorre esta ocorrência cultural corporal, além dos espaços tradicionais e categóricas as determinações de ensino-aprendizagem, promovendo e colaborando para os interesses, necessidades e anseios desta/deste criança/adolescente.

No que tange ao essencial, isto ultrapassa as questões e pontuações que versam sobre moralidade, estima, relacionamentos e realizações pessoais, existem desigualdades, diferenças e distanciamentos que mostram as realidades e mazelas sociais, e com isso, apresentam quesitos distintos de entendimentos acerca do que é premente e do que urgente, manifestando-se de formas características e peculiares de ser, sentir e viver.

Inicialmente ao abordar o brincar é preciso identificar o que é educar e elencar suas formas. De acordo com Nunes (2019), a educação, de modo geral, repara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Dessa forma, esta é algo permanente na vida de todo

cidadão. Ou seja, é um processo contínuo, que permanece em desenvolvimento mesmo após o período escolar.

Seguindo este entendimento, Nunes (2019), observa que não basta apenas e tão somente que as pessoas no começo da vida acumulem uma quantidade considerável de conhecimentos, mas também, que aproveitam as oportunidades para atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros ensinamentos, uma vez, que é desta maneira que conseguimos apossar estes ensinamentos, conforme os desafios das rápidas mudanças deste mundo contemporâneo.

Este cenário aponta as transições da vida humana entre ontem, hoje e amanhã, quando o que já conhecemos e entendemos tem sua base e valor, o que estamos conhecendo pode se apresentar estranho e inovador, e o que está por vir, fica nas possibilidades e no imaginário de cada um, uma vez que envolvem tecnologias de comunicação e informação (massificação ou estratificação), condições objetivas (local e não local), e os embates entre gerações (ultrapassado, moderno ou efêmero).

Para Gohn (2011), a Educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento em territórios fora das estruturas curriculares da Educação formal. A Educação não formal não visa substituir ou competir com a educação formal; e ainda, a educação é chamada também a transpor os muros da escola, para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo e outras atividades afins, que podem promover a educação, a cultura e o bem-estar social.

Esses diálogos do dia a dia ocorrem a medida do envolvimento e desenvolvimento do ser humano e de como estas relações se processam e são estabelecidas pelos indivíduos, uns com os outros, em consonância com a assimilação de hábitos que caracterizam um determinado grupo de pessoas, promovendo assim a identificação da pessoa com seus pares, o sentimento de pertencer aquela comunidade e as culturas ali experimentadas e compreendidas.

Aqui, tem se presente perguntas que requerem respostas que não somente sejam lúcidas e esclarecedoras, mas que também, sejam observadas de formas distintas e com atenções aquilo que de fato é preciso ser notado e estabelecido. Uma vez que perpassam argumentos e confrontos sobre processos, construções, sentidos e aquisições, não esquecendo que atualmente vivemos numa sociedade imediatista, reforçando um dos grandes desafios da contemporaneidade, educar para a vida, a formação do ser.

## 2 Material e Métodos

A presente pesquisa faz parte da dissertação de mestrado intitulada “Os sentidos do brincar em contextos de ensino não formal: um estudo de caso no programa Siminina”, realizada na Universidade de Cuiabá em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT.

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, com estudo de caso etnográfico, sendo feita com 12 meninas com idades entre seis e 14 anos, que frequentam a unidade

em períodos distintos de contra turno, ou seja, matutino e vespertino. Também tomaram parte, um professor de Educação Física e uma auxiliar de coordenação do programa.

Os critérios de seleção das participantes ocorreram da seguinte maneira: meninas que são atendidas pelo Programa Siminina na unidade acima mencionada, com roteiros diferentes para cada estágio de desenvolvimento, ou seja, atribuindo para a categoria criança: de 6 a 10 anos, e, pré-adolescente/adolescente meninas entre 11 a 14 anos.

Não tomaram parte na pesquisa meninas com algum tipo de deficiência, que não desejam ser observadas, e ainda, aquelas cujo os pais não autorizaram a participação na coleta de dados (critérios de exclusão).

Estes critérios não objetivaram menosprezar a participação de meninas limitação em sua capacidade cognitiva ou motora, é apenas pura e simplesmente pelo objeto de estudo proposto pelo escrito, uma vez que ao incluir os grupos logo acima citados, estaríamos também abrindo e promovendo outras discussões, não menos importantes ou pertinentes, mas, sim, com outro foco, outra visão e consequentemente outras leituras.

O referido local foi escolhido por nele ocorrerem ações que permitam observar e ouvir os fenômenos culturais manifestados em forma de jogos, recreação e brincadeiras neste espaço não formal de educação.

Assim o levantamento proposto por esta pesquisa teve como instrumentos: análise documental mediante informações obtidas junto à coordenação geral do programa sobre distribuição das unidades, atendimentos e ofertas das ações desenvolvidas em cada uma delas.

A observação participante, foi mediante a intervenção direta do professor e as atividades por ele propostas, com uma boa variedade de jogos e brincadeiras, e também a utilização de materiais diversos quando da execução das práticas.

Foram feitas entrevista com perguntas semiestruturadas, objetivando caracterizar as respectivas percepções e concepções acerca do brincar e ocupação do tempo, por parte das meninas envolvidas, bem como as propostas e ações, descritas na matriz do programa.

## 3 Resultados e Discussão

Primeiramente, procuramos a coordenação geral do Programa Siminina no bairro Morada do Ouro II, onde fomos mui respeitosamente atendidos, e, prontamente recebidas informações e dados pertinentes e referentes à esta ação social e o propósito desta pela Prefeitura de Cuiabá, o organograma, os devidos responsáveis, polos, atividades desenvolvidas, breve histórico, meninas já atendidas e as metas anuais.

Em seguida, fomos à unidade em que esta pesquisa foi realizada, procuramos a coordenadora do polo, apresentamos, falamos acerca da pesquisa, os propósitos, importância e relevância desta, tanto no meio social, quanto no meio acadêmico-científico, as contribuições que poderiam ser trazidas, os procedimentos que seriam tomados, e as visitas

necessárias para as respostas aos questionários e coleta de dados.

Iniciamos as idas a unidade do Tijucal para conhecermos as meninas, identificá-las, fazer o reconhecimento das áreas, acompanhar as atividades desenvolvidas pelo responsável, e, o tempo despendido para suas ocorrências, verificando quais jogos e brincadeiras foram apresentados e promovidos no espaço não formal de ensino, bem como, quais materiais tomaram parte, e de que maneira estes são apropriados durante o processo prático.

Com isso, tivemos elementos, tópicos e indagações a serem feitos por intermédio de um questionário com perguntas semiestruturadas, buscando aproximar e captar ao máximo o cotidiano e vivência desta menina, a ocupação tanto em casa, quanto no programa, o olhar que ela tem para esta promoção e a importância da ludicidade para sua vida, e valores que possam ser agregadas à sua pessoa enquanto ser em desenvolvimento.

A composição do grupo de entrevistadas deu-se da seguinte maneira: 12 meninas entrevistadas, inicialmente o objetivo da pesquisa, e assim apresentado no projeto, eram para ser 30, porém, quando das investidas, as escolas estaduais de Mato Grosso encontravam-se em período de greve, então, tivemos duas adolescentes, cinco pré-adolescentes, e, cinco crianças.

O questionário apresentado para as meninas versou sobre: atividades prazerosas e que mais chamam atenção ou menos no Programa Siminina, quando da sua interação junto a este, horas que brinca, seja em casa ou em outros lugares, como brinca e com quem brinca, quais destas são mais atrativas ou praticadas com maior frequência, os valores aprendidos e atribuídos ao brincar e suas variações, e ainda, lições que são levadas para a vida, independentemente da faixa etária abordada.

Em relação à etnia, a maioria é de cor predominantemente parda, em termos geográficos são moradoras do bairro Tijucal e seu entorno, ao relatar a educação, são estudantes de escolas públicas tanto da rede municipal quanto da rede estadual de ensino, em relação a disponibilidade de tempo, elas participam do Programa no contra turno ao horário de aulas nas suas respectivas escolas. Quanto à família, quase em sua totalidade, moram com o pai e a mãe, salvo uma que está sobre a guarda da avó, e outra, que tem no padrasto, a figura masculina no que se refere a constituição familiar.

A realidade retratada pelas meninas, seu meio e suas interações com este, sonhos e aspirações, curiosidades e descobertas, colaboram para sua cultura, valores, apropriações e identificações, podendo ser observado que estas meninas não estão distantes do mundo atual, bem como, demonstraram conhecer sobre as formas de interações e concepções sobre sociedade e suas relações, face as respostas obtidas.

O brincar e as brincadeiras no Programa Siminina como as meninas percebem e são percebidas, mediante seus olhares e expectativas, num primeiro momento, apontam que conhecimento e aprendizado para a vida por intermédio dos

jogos, e quando em equipe, todos são importantes, e que é apenas um jogo e não uma competição. E, também, dividir os brinquedos, brincar com outras pessoas, pois sozinha é chato, são relatos por elas apontados.

Este desenho que se apresenta acerca de características físicas e socioeconômicas referentes ao público alvo da pesquisa, realça bem a tipicidade e silhuetas existentes na sociedade local, também, bem próxima a dos perfis levantados e apontados por diferentes programas e pesquisas no que tange as experiências com crianças/adolescentes em risco ou vulnerabilidade social.

Quanto ao Programa Siminina, podem participar das diversas atividades desenvolvidas, que buscam a inclusão social das crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade. As inscrições podem ser feitas durante o ano todo, porém, alinhar com o período de voltas às aulas. Na busca da promoção dos benefícios do desenvolvimento infantil, realçam e ressaltam a expressão dos seus sentimentos, o trabalho em equipe e a disciplina.

Dentre as propostas desenvolvidas pelo programa estão atividades educacionais, de entretenimento, atendimento psicológico, médico, workshops voltados para o mercado de trabalho, e, também, aulas de balé, dança regional, artesanato, fanfarra, flauta doce, judô, alfabetização, inglês, informática e Kumon. Dentro dessa proposta, os cursos são adequados para cada faixa etária, facilitando o desenvolvimento de cada menina assistida pelo programa.

No que tange aos sentidos do brincar em espaço não formal este trabalho aborda a temática no Programa Siminina desenvolvido pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano de Cuiabá (SMASDH), atendendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Caracteriza-se como um Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, no nível de proteção básica. Executado num espaço de convivência e formação é um trabalho social de caráter continuado.

Quando se fala de um programa social, este é entendido como uma ação humanitária tendo por preceitos a melhora de aspectos dentro de um grupo ou de uma sociedade, potencializando a cidadania e a compreensão de coletividade e participação entre os pares, na busca por um melhor horizonte, dirimindo as diferenças e necessidades ali presentes, num movimento de inter-relações entre os indivíduos envolvidos.

Nisto, apresentando a ação social em tela, o Programa Siminina nasceu no bairro Santa Isabel em 5 de março de 1997, prestes a completar 23 anos, tem como meta atingir 1.500 atendimentos por ano; atualmente atende 1.020 crianças e adolescentes do sexo feminino com idades entre cinco a 15 anos, em 16 espaços na capital mato-grossense.

O Programa Siminina, iniciativa da Prefeitura de Cuiabá, surge ante a situação que a cidade vivia à época, face ao contexto aqui apresentado, vivenciava um retrato não adequado para uma capital, a existência de tantas meninas, pelos bancos das praças com filhos nos colos, com barrigas,

denotava um grande descuido com as crianças. A necessidade fez surgir o projeto, que nasceu forte e contou com importantes parcerias.

Estima-se que ao longo dessas duas décadas de existência, mais de 16.000 meninas tenham sido beneficiadas com as ações pedagógicas propostas pelo Programa, afastando-as, cada vez mais, das situações de vulnerabilidade social, buscando assim diminuir situações de fragilidade, evitando assim a ideia de um grupo ou comunidade marginalizada, buscando garantir os benefícios e direitos inerentes a todos, previstos em nossa legislação maior.

A referida ação objetiva fortalecer a função protetiva das famílias, prevenir situações de risco, violação de direitos e ruptura de vínculos, contribuindo para exercício pleno da cidadania e para a melhoria na qualidade de vida das pessoas atendidas. Visa também o combate ao abuso e exploração sexual infantil, (gravidez precoce), a erradicação do trabalho infantil, contribuindo para a inserção, reinserção e permanência das crianças/adolescentes no sistema educacional.

Além de promover atividades e evitar a ociosidade, o Programa Siminina potencializa talentos, estimula o aprendizado, desperta novos significados, porque trabalha com eixos geradores como família, educação, respeito. A ação figura ainda como um importante instrumento de combate ao trabalho infantil, para a saúde porque atua diretamente na redução da gestão precoce e é ator importante no que tange ao desempenho escolar de todos os que integram o Programa.

Também o Programa Siminina é uma política pública. Para Hochman, Arretche e Marques (2007), estas ações são campos multidisciplinares tendo cada um foco distinto. Repercutem nos patrimônios e entidades, tendo suas respectivas teorias tendo que explicar as inter-relações existentes entre Estado, política, economia e sociedade. Tendo como objetivo para as formulações destas, a produção de resultados ou mudanças no mundo real.

A influência do brincar e das brincadeiras na comunidade e no grupo de amigos, como acontece e de que maneira varia ou altera, encontra reforço e argumento nas palavras de Bontempo e Conceição (2014), que apontam ser por meio das atividades lúdicas que a criança reconhece, explora e vivencia experiências com o mundo, e, nisto, começa a interagir com outras pessoas, grupos, identifica valores, normas e padrões, começa a pertencer e é percebida.

Para Alves e Sommerhalder (2006), o brincar tem um sentido bem conhecido de todos nós, especialmente quando criança. Pela representatividade e a possibilidade de imaginarmos ser aquilo que não somos, de estarmos em lugares e mundos diferentes, o prazer de satisfazer o desejo mesmo que de forma ilusória, de viver o suspense do inesperado, de viver a loucura sem ser louco, de divertir-se.

Esta relação criança e brincadeira fazem, sem dúvida, uma combinação perfeita. É difícil pensarmos em uma criança que não goste de brincar, de se deixar envolver pela imaginação,

pela fantasia, vivendo personagens dos mais variados tipos. Assim, haverá um misto de curiosidades, regionalismos e apontamentos diferentes do que era imaginado ou esperado em relação ao cotidiano ou formas de brincar e/ou se entreter.

Houve mudanças e acontecimentos quanto ao discernimento e estudos a respeito do que é ser criança, o que é ser adolescente ao longo dos tempos, marcado por fatos histórico-sociais, conquistas, reivindicações e as devidas importâncias dadas a estes indivíduos, entendidos como seres em formação e desenvolvimento, e dignos e merecedores de direitos, bem como inseridos ao cumprimento de deveres, e o respeito às normas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases:

- ✓ Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos;
- ✓ Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos; e
- ✓ Juventude – dos 15 aos 24 anos.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos, sendo referência, desde 1990, para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta população. Corroborando para isso as previsões legais que abordam questões referentes as vulnerabilidades sociais, o estabelecimento de direitos fundamentais e inalienáveis (educação, saúde e lazer), destacando o brincar, o divertir e a prática de esportes, ainda, a proteção contra a violência, a proibição do trabalho infantil, e, o enfrentamento da violência sexual contra o cidadão público.

Para referendar esta discussão, Silva, Rojas e Hammes (2013), afirmam que é no brincar que se tem o primeiro contato e experimento com o mundo que se realiza. Possibilitando pela interação descobertas e conhecimentos sobre si mesma, sobre o outro, sobre o mundo que a rodeia. Todavia, com a aceleração dos processos de mudanças no mundo e povos cada vez mais técnicos, a criança está perdendo sua capacidade de brincar.

Continuando nos entendimentos destas, esse processo natural e saudável do processamento da inteligência, não é possível, quando as crianças não realizam ou não conseguem mais o verdadeiro brincar. A atividade constitui a forma básica mais importante e decisiva do ser humano, por estimular e desenvolver na criança a sua criatividade e as fantasias que permeiam este mundo lúdico.

Por fim, nas palavras das autoras, este imaginário necessita de liberdade para poder acontecer e ser sentido, pelo manuseio ativo e curioso do material, que a criança tem oportunidade de vivenciar no mundo. Sendo precisamos escutar e ver o que se expressa no brincar infantil, sem interferências. Para a criança, os interesses, sentidos e importâncias vão se descortinando e se apresentando em momentos únicos e de descobertas.

#### 4 Conclusão

Ao expor estas questões e contextos, esta pesquisa sugere outros entendimentos que apontem para questão de gênero, etnia, classe social, por se tratar de um levantamento do cotidiano de adolescentes que enfrentam riscos a sua formação, e que são acolhidas e atendidas pelo Programa que visa a formação desta menina/adolescente que futuramente será uma mulher, e com isto representa uma cidadã de direitos e deveres garantidos e referendados por legislações amplas e específicas face aos distintos temas pertinentes ao presente assunto.

Pela proposta inicial sobre a criança/adolescente que brinca e interage com seu meio e seus pares, não somente nas escolas, mas também em outros espaços públicos e/ou de acessibilidade para estes indivíduos, sejam: praças, parques, museus, programas, onde sejam possíveis a participação e pertencimento daqueles em quaisquer que sejam as localizações ou possibilidades.

Também, enseja este estudo a contribuição para uma maior visibilidade do Programa, por este ter uma proposta de impacto social e de inclusão, e pelo percurso feito, em trazer as distintas realidades das meninas mencionadas, e as mudanças ocorridas nos seus cotidianos e as transformações e experiências vividas ao longo da estada nas atividades desenvolvidas, e que integrações estas trazem no seu bojo.

Esta intenta por desfecho o tempo de lazer, o espaço livre desta menina e a concepção do que é brincar fora da escola ou de sua casa, é como ocorrem estas brincadeiras no seu contexto cultural, apresentando também os contextos e cenários referentes a situações de risco e a vulnerabilidade social, buscando conceituar, (re)significar, debater e discutir assuntos e questões acerca do tema proposto.

Assim, entendemos que mesmo com as dificuldades, desigualdades, acessibilidade e limitações às diferentes camadas da sociedade, principalmente as menos favorecidas, contudo, encontramos presentes as vontades e manifestações em tomar parte de um grupo, sentir-se presente e ativo em seu meio, bem como, perceber de que maneira o seu entorno é transformado e as mudanças vão acontecendo em sua vida.

#### Referências

- ABRAMOVAY, M. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- ALVES, F.D.; SOMMERHALDER, A. O brincar: linguagem da infância, língua do infantil. *Rev. Motriz*, v.12, n.2, p.125-132, 2006.
- BONTEMPO, E.; CONCEIÇÃO, M.R. Infância e contextos de vulnerabilidade social: a atividade lúdica como recurso de intervenção nos cuidados em saúde. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/> Acesso em: 21 dez. 2020.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRUSEKE, F.J. Risco e Contingência. Os paradigmas da modernidade e sua contestação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.22, n.63, p.69-79, 2006.
- CANÇADO, T.C.L.; CARDOSO, C.B.S; SOUZA, R.S. Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social. 2014. Disponível em: < <http://www.abep.org.br/> Acesso em: 5 mar. 2021.
- GOHN, M.G. Educação não formal e O educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2011.
- HOCHMAN, G.; ARRETCHE, M.; MARQUES, E. Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- MARCHI, R.C. A criança como ator social - críticas, réplicas e desafios teóricos e empíricos. Disponível em: [www.revistas2.uepg.br/](http://www.revistas2.uepg.br/) Acesso em: 03.02.2020.
- NUNES, T. O que é educação formal, informal e não formal? Disponível em: <https://pontodidatica.com.br/educacao-formal-informal-nao-formal/> Acesso em: 11.01.2020.
- PREFEITURA DE CUIABÁ. Programa Siminina. Disponível em: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/assistencia-social-e-desenvolvimento-humano/programa-siminina/>
- RODRIGUES, H.M. CARDON, S.B. Possíveis efeitos do brincar em espaços não formais: uma perspectiva do olhar psicopedagógico. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/> Acesso em: 19.01.2020.
- SILVA, N.L.C. ROJAS, J.S. HAMMES, C.C. Algumas reflexões sobre as linguagens do brincar na educação infantil. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/> Acesso em: 15.01.2020.
- VIGNOLI, J.R. Vulnerabilidad Demográfica en América Latina: qué hay de nuevo? In: SEMINARIO VULNERABILIDAD, CEPAL, 2001. Santiago de Chile, 2001.